

A triste debilidade das associações

António Marques Bessa

Há uma realidade que não se pode escamotear neste mundo do Ocidente e trata-se de uma debilidade da cultura tecnocrática e individualista que se veio a implantar associada ao uso de tecnologias que facilitam os divertimentos em casa.

Essa antiga realidade consistia na existência de associações fortes e respeitadas formadas por homens e mulheres interessados nas coisas públicas e no seu próprio mundo. Embora o sociólogo americano C. Wright Mills tenha escrito que uma coisa que o alarmava era a crise das associações de homens livres na América e a proliferação de estruturas escondidas de poder, o facto é que ainda subsistem algumas associações fortes que têm o poder de fazer recuar os partidos, os grandes bancos e as grandes cadeias alimentares. Nada comparável à DECO, nem às diversas associações de famílias em Portugal.



A DEFESA JURÍDICA

A mesma ideia implantou-se firmemente num esquecido autor italiano, líder do pensamento político significativo. O convencional Professor Gaetano Mosca escreveu que a classe política só conhece um limite na sua acção predatória sobre os bens públicos e o Estado. Esse limite é a capacidade de pressão por parte das associações de cidadãos livres. É isso que é a verdadeira defesa jurídica.

Só nos devemos perguntar que associações seriam essas.

Por um lado as clássicas quando tinham poder de pressão: o Exército pelos poderes concentrados nos seus chefes; a Igreja como estrutura dos crentes; os sindicatos, quando unidos e inteligentemente chefiados; a Universidade, como estrutura orgânica dos saberes; mesmo uma organização de criminosos a quem se possa recorrer para acertar coisas que a justiça morosa, lenta, invertida e desviada, não faz.

O que sucedeu foi a lenta erosão destas associações fulcrais e a transformação do espaço político num monopólio de uma coisa a que chamam «partidos». Ora os partidos não asseguram em parte alguma a defesa jurídica porque são eles os principais interessados na pilhagem sempre em nome de grandes ideais, com raras excepções, que é compreensível admitir, sobretudo nos países com pouca corrupção.

Mosca também lamentou que a classe política se estivesse a apropriar de todo um espaço de acção de homens livres e que as tradicionais instituições estivessem a perder força para os Sindicatos. Mas hoje o dramático é que os Sindicatos perderam força para os Partidos, tal como as Forças Armadas, a Igreja deixou de ter importância, e as Organizações de puros bandidos continuam e aumentaram a sua acção.

Não apareceram entretanto novas formas de associação a não ser as ordens técnicas de profissionais, interessadas apenas nos seus assuntos particulares como horários de trabalho e salários e mordomias. A defesa jurídica em sentido político quase desapareceu ou não tem significado. Onde os sindicatos intervêm não vêm mais que luta de classes e é certo o fracasso. Onde estiverem a empresa encerra.

Em Portugal é muito pior. A luta sindical é um rotundo fracasso porque os dirigentes são do nível dos dinossauros. Não percebem o que está acontecer para lá da linha do horizonte da clássica exploração. Não vão longe para lá de prolongarem a longa fila de desesperados despedidos.

QUE FAZER?

Esta é a eterna pergunta de Lenin. E respondeu-lhe bem no seu tempo em termos de toma do poder total, para instalar um sistema totalitário e depois

concentraci3nrio (de campo de concentra33o). Mas a pergunta coloca-se tamb3m para todas quest3es que exigem uma resposta para a ac33o.

Nos Estados Unidos, persistem associa33es poderosas baseadas na religi3o o que levou o ensa3sta Kevin Phillips a escrever um livro intitulado American Theocracy (Penguin Books), em que se insurge contra o poder excessivo que exercem essas associa33es. Na verdade, estendem-se por todo o Estado federal, pressionam bancos que apoiam o at3ismo, cadeias de televis3o que promovem o at3ismo e deteriora33o dos valores morais, punem pelo abandono de servi3o cadeias de supermercados, apoiam causas pol3micas e n3o aprovadas por essas associa33es. A base religiosa sempre foi muito importante na Am3rica do Norte e tem garantido mesmo as liberdades fundamentais.

Martin Luther King como todo o movimento dos islamistas americanos assenta e assentou na base religiosa. As associa33es cient3ficas costumam ser fortes e cr3ticas, mas quando n3o h3 entendimento entre as tr3s for3as sociais (poder econ3mico, poder militar e poder pol3tico) de forma a constituir uma Power Elite (uma elite do poder) como pretendia Mills e Domhoff (Who Rules America Now), tamb3m elas podem travar o poder pol3tico. Uma elite do poder 3 intrat3vel e pouco control3vel.

O que fazer na Europa e entre n3s? N3o passa o caminho pelos lobby, mas sim pela interven33o cidad3 atrav3s de associa33es nacionais e europeias. Mas se os cidad3os n3o est3o para dar tempo e cuidado gratuitos a uma Associa33o, preferindo divertimentos fornecidos ao domic3lio, deixando as nomenclaturas agir 3 vontade, como o dono numa quinta, sem lhes tentar entravar algumas vias, n3o se podem depois queixar desse dom3nio asfixiante. Por3m, com pouco esfor3o, cada um sozinho pode agir e ter influ3ncia nos resultados finais.

Basta ver que institui33es econ3micas apoiam programas televisivos com publicidade, que bancos patrocinam o qu3, que jornais e revistas publicitam o qu3, que sociedades apoiam o qu3 e depois boicotar.

Podemos mudar de banco, de cart3o de cr3dito, de livrarias, de marcas, de supermercado, de farm3cia, de m3dico, de universidade, de Igreja. Esta ac33o daria que pensar aos donos do poder econ3mico, o que se reflectiria nos apoios a partidos e a causas. H3 rem3dios e respostas ao que fazer para todas as pessoas respons3veis: Estudar as suas op33es e punir quem quiser, no ponto de vista

económico. Onde dói directamente. Então está a assegurar a existência de defesa jurídica numa sociedade que carece dela.